

# O IMPACTO DO DIAGNÓSTICO DE CÂNCER NA DINÂMICA FAMILIAR

*Nicolas Pinheiro Costa Navarros*

*Thiago Rogerio Moreira Anibale*

Acadêmicos do curso de Psicologia do UNIVAG.

*Renata Vilela Rodrigues*

Professora Orientadora do Curso de Psicologia UNIVAG.

## RESUMO

Este estudo investiga os impactos do diagnóstico de câncer sobre os familiares do paciente, analisando as mudanças na dinâmica familiar, nas relações interpessoais e no bem-estar emocional dos membros. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e explicativo, fundamentada em uma revisão integrativa da literatura. A seleção dos estudos foi realizada nas bases de dados científicas reconhecidas PubMed, SciELO e EBSCohost, utilizando descritores em português (câncer, família, saúde mental) e inglês (cancer, family, mental health). A partir do material selecionado e analisado, evidencia-se a necessidade de um suporte psicossocial para adaptação das famílias ao diagnóstico de câncer, promovendo benefícios que vão desde a melhora na comunicação até a redução do sofrimento psíquico. Além disso, estratégias de enfrentamento, aliadas ao apoio profissional e redes de suporte social têm se tornado meios para a minimização do sofrimento dos familiares e promoção de uma maior resiliência diante da doença.

**Palavras-chaves:** Família. Oncologia. Saúde Mental.

## ABSTRACT

This study investigates the impacts of a cancer diagnosis on the patient's family members, analyzing changes in family dynamics, interpersonal relationships, and emotional well-being of family members. This is a qualitative, exploratory, and explanatory study based on an integrative literature review. The studies were selected from the recognized scientific databases PubMed, SciELO, and EBSCohost, using descriptors in Portuguese and English (cancer, family, mental health). Based on the material selected and analyzed, this study showed the need for psychosocial support for families to adapt to a cancer diagnosis is evident, promoting benefits ranging from improved communication to reduced psychological distress. Furthermore, this study analyzes coping strategies, combined with professional support and social support networks, which have become

means of minimizing the suffering of family members and promoting greater resilience in the face of the disease.

**Keywords:** Family. Oncology. Mental Health.

## INTRODUÇÃO

O câncer é uma doença caracterizada pelo crescimento descontrolado de células anormais que invadem tecidos e órgãos saudáveis, podendo formar tumores sólidos ou afetar o sistema circulatório e linfático. É uma condição que afeta não apenas o paciente, mas também aqueles com ele convive como, por exemplo a família. O que pode gerar alterações significativas nos papéis familiares, na organização do cotidiano e na qualidade das interações emocionais. Existem mais de 100 tipos de câncer, e a doença pode se desenvolver em diversas partes do corpo humano, sendo classificada de acordo com a região onde se origina, como pulmão, mama, próstata e pele (INCA, 2023).

Considerada uma das principais causas de morte no mundo, a doença oncológica é responsável por milhões de óbitos a cada ano. Nos últimos dez anos, sua incidência global aumentou em 20%, e estima-se que, até 2030, mais de 25 milhões de novos casos sejam diagnosticados (INCA, 2023). No Brasil, a projeção é de 704 mil novos casos anuais entre 2023 e 2025, sendo os cânceres de pele não melanoma, mama, próstata, cólon e reto, pulmão e estômago os mais prevalentes. O câncer de mama, por exemplo, deve atingir 74 mil mulheres anualmente até 2025, enquanto o câncer de próstata será responsável por 72 mil novos casos em homens no mesmo período (Fiocruz, 2023).

Os dados estatísticos fornecidos pelo INCA e pela Fiocruz reforçam a necessidade de políticas públicas que promovam assistência integral às famílias afetadas pelo câncer, garantindo acesso a programas de suporte e intervenções psicológicas eficazes. Importante considerar que, os impactos da doença ultrapassam o paciente, afetando significativamente sua família e rede de apoio. A literatura científica destaca que o câncer não apenas impõe desafios físicos e emocionais aos indivíduos diagnosticados, mas também transforma as dinâmicas familiares, alterando os papéis sociais, as interações interpessoais e o bem-estar emocional dos familiares (Bucher-Maluschke, et al., 2014; Oliveski et al., 2021). Diante do diagnóstico, a relação familiar se reorganiza para atender às novas demandas do tratamento, gerando uma sobrecarga emocional e, muitas vezes, financeira para os cuidadores e demais membros da família. Além disso, as incertezas

relacionadas ao prognóstico da doença intensificam os níveis de estresse e ansiedade, afetando diretamente a qualidade de vida da família como um todo (Marques, 2017).

Os cuidadores, em particular, assumem uma posição central no suporte ao paciente oncológico, muitas vezes negligenciando sua própria saúde mental no processo. Farinhas, Wendling e Dellazzana-Zanon (2013) destacam que a exaustão emocional e a síndrome de burnout são comuns entre cuidadores de pacientes com câncer, dado o acúmulo de responsabilidades e a falta de suporte adequado. Além disso, a ausência de redes de apoio social pode agravar o sofrimento emocional da família, contribuindo para conflitos e dificuldades na adaptação ao novo contexto (Sanchez et al., 2010). Nessa direção, compreender essas mudanças é essencial para o desenvolvimento de intervenções que ofereçam suporte adequado às famílias, reduzindo os impactos psicológicos e sociais associados à doença.

A forma como as famílias lidam com o diagnóstico de câncer pode variar de acordo com fatores socioeconômicos e culturais. Em contextos de vulnerabilidade social, a sobrecarga emocional é intensificada pela precariedade dos recursos financeiros e pelo acesso limitado a serviços de saúde mental e suporte social. Bucher-Maluschke et al. (2014) apontam que, para famílias de baixa renda, o impacto do câncer pode ser ainda mais severo, exigindo políticas públicas eficazes para garantir o suporte psicossocial necessário. Por outro lado, a presença de apoio formal e informal tem sido identificada como um fator protetor na adaptação familiar ao diagnóstico de câncer, contribuindo para uma melhor qualidade de vida dos pacientes e seus familiares (Oliveski et al., 2021).

O processo de cuidar de um familiar com câncer frequentemente impõe aos cuidadores uma sobrecarga emocional significativa, marcada por sentimentos ambíguos como amor, dor, angústia e cansaço. Benedetti et al. (2015) identificaram que os cuidadores vivenciam não apenas o sofrimento físico decorrente das tarefas cotidianas do cuidado, como higiene e alimentação, mas também um desgaste emocional profundo, que pode comprometer sua saúde mental e qualidade de vida. Segundo os autores, “o acúmulo progressivo de eventos desgastantes durante esse processo acaba por levá-lo ao limite de seu equilíbrio, culminando em severas consequências à sua saúde mental” (Benedetti et al., 2015, p. 1223). Esses dados reforçam a necessidade de suporte psicossocial direcionado não apenas ao paciente, mas também aos seus familiares, especialmente àqueles que assumem o papel de cuidador principal.

Diante desse cenário, este estudo tem como objetivo analisar o impacto do diagnóstico de câncer na dinâmica familiar, investigando como a doença afeta as relações

interpessoais, os papéis dentro da família e o bem-estar emocional dos envolvidos. Além disso, pretende-se debater sobre o papel das redes de suporte social formal e informal na facilitação desse processo de reorganização, fornecendo subsídios para o aprimoramento de políticas públicas e práticas clínicas mais eficazes no cuidado a pacientes oncológicos e suas famílias.

A partir de uma revisão integrativa da literatura, este estudo busca contribuir para uma compreensão mais abrangente dos desafios enfrentados pelos familiares de pacientes oncológicos, além de fornecer subsídios para o desenvolvimento de estratégias de apoio que possam minimizar os impactos emocionais e sociais da doença. A revisão da literatura intenta destacar a complexidade e a profundidade do impacto do câncer não apenas sobre os pacientes, mas também sobre suas famílias e cuidadores. O diagnóstico oncológico provoca uma reestruturação significativa nas dinâmicas familiares, exigindo que seus membros se adaptem emocional e socialmente às novas circunstâncias. Além disso, a pesquisa evidenciará a relevância do suporte social e psicológico na mitigação dos efeitos negativos da doença.

Neste texto, utilizamos a expressão relações e/ou dinâmica familiares para se referir às composições de família que se dão pela via do afeto, entendido no sentido dado por Espinosa, enquanto um afetar pelo outro e implicar por ele. Nessa acepção, a afetação é tida como uma força que pode ser potencializadora de relações e vida ou uma força aniquiladora (Deleuze, 2002). Considerar as relações familiares enquanto laços de afetações permitem aplicar a noção tradicional de família e pensar as várias composições de família possíveis, incluindo aquelas que envolvem humanos e não-humanos.

## **O IMPACTO DO DIAGNÓSTICO DE CÂNCER NA DINÂMICA FAMILIAR**

O diagnóstico do câncer impacta nas relações e dinâmicas familiares, podendo gerar ao cuidador impactos em sua saúde mental (Ferreira et al., 2010; Martins et al., 2011). A adaptação à nova configuração familiar pode ser facilitada ou dificultada pela presença de uma rede de apoio eficaz. Oliveski et al. (2021) apontam que a ausência de suporte social adequado pode exacerbar conflitos, aumentar os níveis de estresse e intensificar o sofrimento emocional, tanto do paciente quanto dos familiares.

Floriani (2004) e Ladeira e Grincenkov (2020) destacam que o apoio psicológico direcionado aos cuidadores é fundamental para minimizar os impactos da doença e melhorar a qualidade do cuidado prestado. Assim, tanto as redes de suporte formal —

como serviços de assistência social e psicológica — quanto as informais — compostas por familiares, amigos e comunidades — desempenham um papel essencial na mitigação dos efeitos negativos do câncer. No Brasil, dados do Instituto Nacional do Câncer (INCA) e da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) reforçam a relevância do tema:

O suporte social e psicológico é um fator determinante para a adaptação das famílias ao diagnóstico oncológico. Segundo Martins et al. (2011), contar com uma rede de apoio pode representar um diferencial importante na manutenção da esperança e do equilíbrio familiar. Esse suporte pode se manifestar de diversas formas, seja através de grupos comunitários, assistência profissional ou redes de ajuda informais. Entretanto, quando esse apoio não está presente, o estresse familiar pode se intensificar, resultando em conflitos, isolamento e prejuízos à saúde mental tanto do paciente quanto de seus familiares (Venâncio, 2004; Volpato; Santos, 2007). Dessa forma, compreender os impactos do câncer na relação familiar é essencial para o desenvolvimento de estratégias que favoreçam uma adaptação mais saudável ao novo contexto.

Ferreira et al. (2010) e Martins et al. (2011) destacam a importância de intervenções psicológicas e psicossociais para mitigar os efeitos da reestruturação familiar. Além disso, apontam que mudanças na rotina e na divisão de tarefas são necessárias para que a família consiga se reorganizar diante do diagnóstico. Segundo Melo et al. (2012), essa adaptação não é apenas um reflexo da nova realidade imposta pela doença, mas também um mecanismo de resiliência que visa preservar o funcionamento familiar. Nesse contexto, Floriani (2004) enfatiza a necessidade de apoio psicológico contínuo para os cuidadores, considerando que muitos deles enfrentam sintomas de estresse, ansiedade e depressão ao longo do processo de tratamento do paciente oncológico.

Enquanto Ferreira et al. (2010) e Martins et al. (2011) sugerem que a reorganização dos papéis familiares pode ser um mecanismo positivo de adaptação, Oliveski et al. (2021) alertam que, sem um suporte adequado, esse processo pode ser insuficiente, agravando os sentimentos de impotência e insegurança dentro da família.

## **SAÚDE MENTAL: CONCEITOS E DISCUSSÕES NO CONTEXTO DO CÂNCER**

A chegada do diagnóstico de câncer provoca uma reestruturação na dinâmica familiar, afetando tanto a rotina quanto os papéis desempenhados pelos membros da família. Essa reorganização ocorre porque o paciente passa a demandar cuidados constantes, exigindo que os familiares assumam novas funções e responsabilidades dentro do núcleo familiar. Segundo Ladeira e Gricenkov (2020), em muitos casos, um dos membros assume o papel de cuidador principal, acumulando tarefas que antes eram compartilhadas entre todos. Esse novo arranjo pode gerar sobrecarga emocional e física, especialmente quando não há um sistema de apoio adequado para auxiliar os familiares no processo de adaptação à doença.

A saúde mental é um campo multidisciplinar que envolve fatores biológicos, psicológicos e sociais, e sua compreensão tem se expandido ao longo dos anos para além da mera ausência de transtornos mentais. De acordo com Amarante (2007), a psiquiatria tradicional, historicamente, abordou a loucura e os transtornos psiquiátricos de maneira reducionista, muitas vezes centrando-se exclusivamente na medicalização e institucionalização dos pacientes. No entanto, com o avanço da reforma psiquiátrica e o desenvolvimento da atenção psicossocial, novas concepções sobre saúde mental emergiram, colocando o sujeito e sua inserção social no centro do debate.

Paulo Amarante (2007), um dos principais teóricos da reforma psiquiátrica no Brasil, defende que a saúde mental não pode ser vista apenas pelo viés biomédico, mas deve ser compreendida em sua complexidade, envolvendo múltiplos aspectos da vida do indivíduo. Para o autor, o sofrimento psíquico não pode ser reduzido a um diagnóstico ou a uma anormalidade química no cérebro; ele é influenciado por fatores históricos, sociais e políticos, exigindo um modelo de cuidado que vá além da simples prescrição de medicamentos e do confinamento em instituições psiquiátricas. Essa visão crítica da psiquiatria tradicional levou à formulação de um modelo de atenção baseado na inclusão social, na territorialização do cuidado e na participação ativa do sujeito no processo de recuperação.

Essa ampliação do conceito de saúde mental tem implicações diretas para o tratamento de doenças crônicas, como o câncer. O diagnóstico oncológico é frequentemente acompanhado por um impacto psicológico significativo, afetando não apenas o paciente, mas também sua família e rede de apoio. Estudos demonstram que pacientes com câncer apresentam alta prevalência de transtornos psicológicos, como ansiedade e depressão, o que pode comprometer a adesão ao tratamento e a qualidade de vida dos envolvidos (Santos et al., 2022). A seguir, serão apresentados dois eixos

principais de análise: o conceito de saúde mental segundo Paulo Amarante e a relação entre saúde mental e câncer.

A relação entre saúde mental e câncer é amplamente documentada na literatura científica. O diagnóstico oncológico representa um evento de grande impacto emocional, frequentemente associado a sentimentos de medo, insegurança e desesperança. Estudos indicam que a prevalência de transtornos psicológicos entre pacientes com câncer é elevada, com sintomas de ansiedade e depressão afetando significativamente sua qualidade de vida (Santos et al., 2022).

O suporte psicológico desempenha um papel fundamental na adaptação do paciente ao tratamento, reduzindo os níveis de estresse e promovendo uma melhor adesão às terapias. De acordo com Amarante (2007), a saúde mental deve ser abordada de forma integrada, considerando não apenas o sofrimento psíquico do indivíduo, mas também os fatores sociais que influenciam sua experiência. No contexto do câncer, essa abordagem se traduz na necessidade de um suporte emocional contínuo, que inclua atendimento psicológico, participação em grupos terapêuticos e fortalecimento das redes de apoio.

Além do impacto sobre o paciente, o câncer também afeta significativamente seus familiares e cuidadores. A sobrecarga emocional e física associada ao cuidado de um paciente oncológico pode levar ao desenvolvimento de transtornos psicológicos nos cuidadores, prejudicando sua saúde mental e comprometendo sua capacidade de assistência (Farinhas; Wendling; Dellazzana-Zanon, 2013). A atenção psicossocial pode ser uma ferramenta valiosa para minimizar esses impactos, proporcionando um espaço para que os cuidadores expressem suas emoções, recebam orientação e desenvolvam estratégias de enfrentamento mais eficazes.

Outro aspecto relevante é o papel do suporte social no enfrentamento do câncer. Segundo Sanchez et al. (2010), pacientes que possuem redes de apoio sólidas apresentam melhores desfechos psicológicos e maior adesão ao tratamento. O suporte pode vir tanto de fontes formais, como psicólogos e assistentes sociais, quanto de fontes informais, como familiares e amigos. Além disso, o suporte social pode atuar como um amortecedor do sofrimento emocional, ajudando os pacientes e seus cuidadores a lidarem com os desafios impostos pela doença. (Sanchez et al, 2010).

Dessa forma, torna-se evidente que a integração da atenção psicossocial ao tratamento oncológico é essencial para garantir um cuidado mais abrangente e eficaz. A concepção de saúde mental proposta por Amarante (2007) oferece um referencial teórico

importante para essa integração, enfatizando a necessidade de um modelo de atenção que leve em consideração os aspectos subjetivos e sociais do adoecimento.

Além das mudanças na divisão de tarefas, observa-se que a comunicação entre os membros da família também sofre alterações significativas. Em algumas situações, os familiares evitam falar sobre o câncer, tentando proteger o paciente e a si mesmos do sofrimento emocional associado à doença. No entanto, esse silenciamento pode aumentar a tensão e dificultar a adaptação da família à nova realidade. Por outro lado, famílias que conseguem estabelecer um diálogo aberto e empático tendem a lidar melhor com os desafios impostos pelo diagnóstico, fortalecendo seus vínculos afetivos e promovendo um ambiente mais acolhedor para o paciente (Bucher-Maluschke et al., 2014).

Outro fator relevante é o impacto financeiro que a doença pode trazer. O afastamento do paciente de suas atividades laborais, somado aos custos do tratamento, pode representar um desafio adicional para a família, afetando sua estabilidade econômica e gerando preocupações adicionais. De acordo com Bucher-Maluschke et al. (2014), a combinação de desafios emocionais, financeiros e estruturais reforça a necessidade de suporte social e psicológico, que possa auxiliar as famílias a lidarem com essas transformações de maneira mais equilibrada e saudável.

## **METODOLOGIA**

Este estudo foi conduzido por meio de uma abordagem qualitativa, buscando compreender o impacto do diagnóstico de câncer na dinâmica familiar a partir da análise de artigos científicos que abordam essa temática. A pesquisa qualitativa tem como objetivo a compreensão aprofundada dos significados e das características situacionais do fenômeno estudado, priorizando as experiências e percepções dos envolvidos sobre o conhecimento teórico do pesquisador (Richardson, 1999). A fim de explorar a complexidade do tema, será utilizada uma abordagem exploratória-explicativa. A pesquisa exploratória tem como propósito proporcionar maior familiaridade com a problemática do impacto do câncer na relação familiar, permitindo a formulação de novas hipóteses e perspectivas sobre o tema (Gil, 2002). Já a pesquisa explicativa busca compreender os fatores subjacentes às mudanças nas dinâmicas familiares, analisando criticamente as razões e implicações dessas transformações.

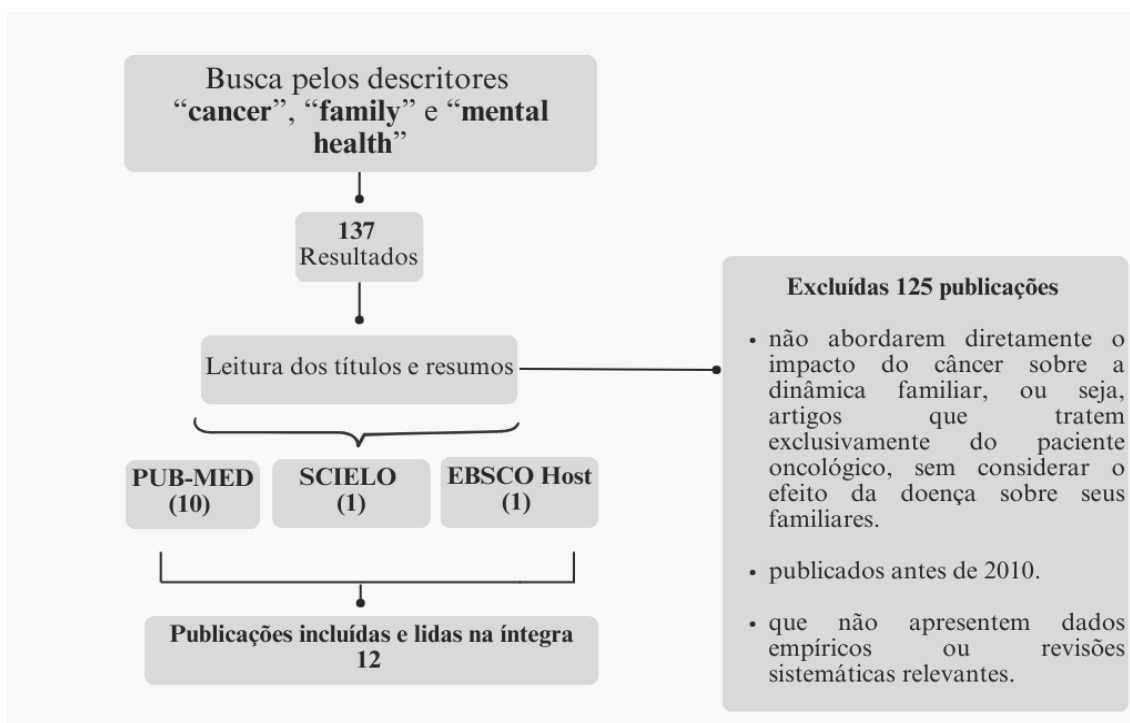
O estudo foi desenvolvido por meio de uma revisão integrativa da literatura, permitindo a síntese e a análise crítica do conhecimento científico existente sobre o impacto do diagnóstico de câncer nas famílias, destacando as principais intervenções psicossociais e estratégias de enfrentamento utilizadas pelos familiares e cuidadores. A pesquisa bibliográfica foi fundamentada em artigos científicos publicados em periódicos reconhecidos, garantindo uma abordagem abrangente e sistemática do tema. A busca por estudos foi realizada em bases de dados renomadas nas áreas da saúde e psicologia, incluindo PubMed, SciELO e EBSCOhost, utilizando descritores em português e inglês com o operador booleano AND, a fim de refinar os resultados. As buscas foram conduzidas em português, e inglês, permitindo a inclusão de estudos relevantes de diferentes contextos culturais.

Inicialmente, a busca partiu das palavras-chave “câncer”; “família” e “saúde mental” conforme os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) na língua portuguesa e como “cancer”; “family” e “mental health” na língua inglesa; rendendo o total de 137 publicações selecionadas. Diante da grande quantidade de publicações encontradas, que uma exploração delas mostrou distanciamento do objeto de revisão, foi necessário incluir incidir um novo filtro de seleção e a partir da leitura dos títulos, resumos e, quando necessário, o conteúdo do texto, foram descartadas todas as publicações duplicadas; em outras línguas não previamente estabelecidas (português ou inglês); que não abordaram diretamente o impacto do câncer sobre a dinâmica familiar; publicados antes de 2010; que não apresentavam dados empíricos ou revisões sistemáticas relevantes.

Com isso, foi excluído o total de 125 publicações, das quais (95) não abordavam diretamente o impacto do câncer na dinâmica familiar; (16) foram publicadas em um período anterior à 2010 em outra língua não previamente estabelecida; (10) não estavam nas línguas previamente estabelecidas e (4) estavam duplicadas.

Assim, chegou-se ao total de 12 publicações que atendiam aos critérios estabelecidos e pertinência ao objeto da revisão, sendo 11 artigos científicos e 1 tese de pós-graduação (Figura 1).

**Figura 1** – Processo de seleção dos trabalhos



Fonte: elaborado pelos autores.

Após a seleção dos artigos, foi realizada uma análise qualitativa dos dados, categorizando os achados em eixos temáticos. A análise será conduzida de forma narrativa, permitindo a síntese crítica dos achados e a identificação de lacunas na literatura sobre o impacto do câncer na relação familiar. Para embasar a análise, será utilizada a obra *A Ordem do Discurso*, do filósofo Michel Foucault (1970), que discute como os discursos são regulados e controlados socialmente para manter determinadas estruturas de poder. A influência dos discursos médicos e sociais sobre o câncer molda a forma como os pacientes e seus familiares vivenciam a doença, determinando as estratégias de enfrentamento e as expectativas relacionadas ao prognóstico.

Foucault (1970) argumenta que existem restrições e interdições que definem quais narrativas são legitimadas e quem possui autoridade para falar sobre determinado tema. No contexto do câncer, isso pode levar à subestimação das experiências individuais dos familiares, priorizando uma visão estritamente biomédica da doença. Assim, esta pesquisa analisará de que forma os diversos discursos impactam a vivência dos familiares, influenciando sua adaptação ao diagnóstico e seu acesso a redes de suporte. A síntese discursiva permite uma visão integrada das diferentes abordagens utilizadas nos estudos

sobre o impacto do câncer nas famílias, identificando os fatores que facilitam ou dificultam a adaptação familiar ao diagnóstico.

Para garantir a relevância e a qualidade dos dados analisados, foram estabelecidos critérios rigorosos de inclusão e exclusão dos estudos revisados. Foram incluídos artigos publicados entre 2010 e 2024, garantindo a atualização do conhecimento sobre o tema, além de estudos originais, revisões sistemáticas e estudos de caso que abordem o impacto do câncer nos familiares e cuidadores, considerando os impactos emocionais, psicológicos e sociais do diagnóstico, especialmente em relação à reorganização familiar, suporte social e estratégias de enfrentamento. Somente artigos publicados em português, espanhol e inglês foram incluídos, visando ampliar o escopo da análise.

Em contrapartida, foram excluídos artigos que não abordem diretamente o impacto do câncer na dinâmica familiar, concentrando-se exclusivamente no paciente oncológico sem considerar os efeitos da doença sobre seus familiares. Além disso, estudos publicados antes de 2010 e textos que não apresentem dados empíricos ou revisões sistemáticas relevantes também foram desconsiderados.

A revisão bibliográfica, apesar de sua ampla aplicabilidade, apresenta desafios metodológicos que precisam ser minimizados. O viés de seleção é um dos principais riscos, uma vez que existe a possibilidade de selecionar apenas estudos que confirmem uma visão preexistente, ignorando outras perspectivas que poderiam enriquecer a análise. Além disso, a diversidade metodológica dos estudos revisados pode resultar em diferentes interpretações sobre o impacto do câncer na dinâmica familiar, o que exige uma abordagem crítica e contextualizada da literatura. Outro risco está na redundância de informações, uma vez que a repetição de dados amplamente estabelecidos na literatura pode limitar a originalidade da pesquisa (Gil, 2002).

Para mitigar esses desafios, foram adotadas estratégias como a documentação rigorosa dos critérios de inclusão e exclusão, garantindo transparência no processo de seleção dos artigos, e a diversificação das fontes, incluindo estudos com diferentes abordagens metodológicas para evitar a repetição de informações e assegurar uma análise ampla e aprofundada do tema. Além disso, foi considerada a totalidade do contexto metodológico dos estudos revisados, minimizando a possibilidade de interpretações equivocadas dos resultados. Os dados extraídos dos artigos selecionados foram apresentados de forma descritiva e qualitativa, destacando as principais tendências e resultados encontrados na literatura.

## **RESULTADOS: OS DISCURSOS SOBRE O CÂNCER**

Os resultados desta pesquisa evidenciam que o diagnóstico de câncer gera um impacto significativo na relação e no funcionamento das famílias, provocando uma reorganização dos papéis, mudanças na comunicação e um alto nível de estresse emocional. Os familiares de pacientes oncológicos passam por um processo de adaptação complexo, que envolve tanto dificuldades, quanto a busca por estratégias de enfrentamento para lidar com a nova realidade imposta pela doença. A necessidade de reorganização familiar e a sobrecarga emocional dos cuidadores são questões recorrentes na literatura, apontando para a importância de suporte social e psicológico adequados para minimizar os impactos negativos do câncer sobre a dinâmica familiar.

Além disso, a forma como as famílias enfrentam a doença pode influenciar significativamente a qualidade de vida dos envolvidos. Estratégias de enfrentamento adaptativas, como o fortalecimento das redes de apoio e o acesso a acompanhamento psicológico, estão associadas a uma melhor resposta emocional e funcional diante do diagnóstico. Por outro lado, o isolamento social, a falta de comunicação entre os membros da família e a ausência de suporte adequado podem agravar os níveis de estresse e prejudicar o equilíbrio emocional dos familiares.

Nessa direção, da analítica dos discursos dos materiais selecionados, estabeleceu-se dois eixos sobre a temática abordada: (1) a modificação da dinâmica familiar a partir do diagnóstico de câncer e (2) estratégias de resistências e enfrentamento das dificuldades. Importante frisar que, para Foucault (2008), a análise do discurso lida com os jogos de sentidos em que os discursos estão envolvidos e não com uma transcrição contínua e insensível em que os discursos se ligam. A análise do discurso não reconstitui o que já foi dito, pensando, desejado e experimentado por aqueles que proferiram o discurso.

Ela se envolve com os jogos de relações que são estabelecidos no campo dos acontecimentos, para apreender como os discursos podem se articular com acontecimentos que não são necessariamente de natureza discursiva, mas que podem ser de natureza técnica, prática, política, econômica, social, entre outras. A análise do discurso permite apreender as formas mesmas das problematizações através das quais o discurso se dá como podendo e devendo ser pensando. Concerne, nesse sentido, em um método de discursividades locais e do acoplamento do conhecimento com saberes situados, utilizada como uma técnica analítica que informa, uma maneira de ver as coisas

que estão em determinadas práticas e suas relações com outras práticas discursivas e não/discursivas (Foucault, 2008a; 2008b).

Na analítica do discurso os resultados não são apresentados num modelo de descrição sistemática de um discurso-objeto. Mas, em suas especificidades, dando visibilidade as representações, imagem ou discursos “ocultos” que se manifestam nos documentos analisados (Foucault, 2008b), no caso do presente texto, nos artigos analisados.

### *Eixo 1 - A modificação da dinâmica familiar a partir do diagnóstico de câncer*

Dos 12 artigos selecionados, 7 versam sobre o modo como a dinâmica familiar é afetada após o diagnóstico do câncer. Compuseram a análise deste tópico, os seguintes materiais: (1) “Dinâmica Familiar No Contexto Do Paciente Oncológico”, de Bucher-Maluschke et al. (2014); (2) “Experiência De Famílias Frente Ao Adoecimento Por Câncer Em Cuidados Paliativos”, de Oliveski et al. (2021); (03) “Relação Entre A Saúde Mental De Pacientes Com Câncer Avançado Em Quimioterapia Paliativa E Seus Familiares Cuidadores”, de Ladeira e Gricenkov (2020); (04) “A Família E O Paciente Oncológico: Estrutura E Funcionamento Familiar No Contexto De Câncer Na Família” de Côbo (2019); (05) “Sobrecarga Emocional Dos Familiares De Pacientes Com Câncer: Ambiguidade De Sentimentos Ao Cuidar” de Vale et al. (2015); (06) “Aspectos Biopsicossociais Do Adoecimento Por Câncer Para Familiares De Pacientes Hospitalizados” de Santana et al. (2017); (07) “Avaliação Do Impacto Psicossocial Do Diagnóstico E Tratamento Do Câncer Na Vida De Familiares Cuidadores De Pacientes Em Regime De Internação Hospitalar” de Oliveira e Souza (2017).

Um debate que apreze em relação a este eixo nos artigos selecionados concerne a chegada do diagnóstico de câncer provoca uma reestruturação na dinâmica familiar, afetando tanto a rotina quanto os papéis desempenhados pelos membros da família. Oliveski et al., (2021) mostram que essa reorganização ocorre porque o paciente passa a demandar cuidados constantes, exigindo que os familiares assumam novas funções e responsabilidades dentro do núcleo familiar. Em muitos casos, um dos membros assume o papel de cuidador principal, acumulando tarefas que antes eram compartilhadas entre todos. Esse novo arranjo pode gerar sobrecarga emocional e física, especialmente quando

não há um sistema de apoio adequado para auxiliar os familiares no processo de adaptação à doença.

A sobrecarga emocional dos cuidadores também é destacada em outras pesquisas, como a de Vale et al. (2023), que analisaram o perfil e o grau de sobrecarga entre familiares de pacientes em cuidados paliativos. O estudo revelou que 70,7% dos cuidadores apresentavam níveis moderado a severo de sobrecarga, sendo a maioria mulheres. Os autores destacam a importância de ações que promovam o bem-estar desses cuidadores, visto que o esgotamento físico e emocional impacta diretamente na qualidade do cuidado prestado e no equilíbrio familiar.

De forma complementar, Ladeira e Grincenkov (2020) demonstram que os níveis de ansiedade e depressão de pacientes com câncer avançado apresentam forte correlação com a saúde mental de seus cuidadores. Os dados indicam que a sobrecarga emocional do cuidador está diretamente associada ao aumento do sofrimento psíquico e à redução da qualidade de vida de ambos. Assim, os autores defendem a necessidade de intervenções integradas que contemplem tanto o paciente quanto seus cuidadores no plano terapêutico, promovendo suporte psicológico conjunto e contínuo.

Nesse contexto, Côbo (2019) acrescenta que o funcionamento familiar sofre alterações expressivas em dimensões como coesão, flexibilidade e comunicação. A autora ressalta que, embora algumas dessas mudanças possam ser percebidas de forma positiva, o enfrentamento adequado da doença requer apoio tanto de instituições externas quanto do próprio núcleo familiar. Sua pesquisa aponta ainda que a participação em grupos de apoio com foco na funcionalidade familiar pode facilitar a adaptação às exigências da nova realidade imposta pelo diagnóstico oncológico.

Além das mudanças na divisão de tarefas, observa-se que a comunicação entre os membros da família também sofre alterações significativas. Em algumas situações, os familiares evitam falar sobre o câncer, tentando proteger o paciente e a si mesmos do sofrimento emocional associado à doença. No entanto, esse silenciamento pode aumentar a tensão e dificultar a adaptação da família à nova realidade. Por outro lado, famílias que conseguem estabelecer um diálogo aberto e empático tendem a lidar melhor com os desafios impostos pelo diagnóstico, fortalecendo seus vínculos afetivos e promovendo um ambiente mais acolhedor para o paciente (Bucher-Maluschke et al., 2014).

Oliveira e Souza (2017) evidenciam que há uma correlação direta e significativa entre o estado emocional do paciente oncológico e o de seu cuidador familiar. Os autores apontam que a ansiedade e o sofrimento emocional do paciente se refletem diretamente

nos níveis de ansiedade, depressão e distress do cuidador, o que reforça a interdependência entre ambos no processo de enfrentamento da doença. Como indicam os dados da pesquisa, “cuidar do estado emocional do paciente pode ter maior impacto na minimização da sobrecarga do cuidador e vice-versa” (Oliveira & Souza, 2017, p. 216). Dessa forma, torna-se indispensável considerar o cuidador como parte integrante da estratégia terapêutica, especialmente nos contextos de internação hospitalar, em que o vínculo afetivo é intensificado e a sobrecarga emocional tende a se acentuar. O reconhecimento dessa dinâmica impõe a necessidade de uma atenção psicossocial ampliada, que contemple o bem-estar de ambos os envolvidos.

De forma complementar, Ladeira e Grincenkov (2020) demonstram que os níveis de ansiedade e depressão de pacientes com câncer avançado apresentam forte correlação com a saúde mental de seus cuidadores. Os dados indicam que a sobrecarga emocional do cuidador está diretamente associada ao aumento do sofrimento psíquico e à redução da qualidade de vida de ambos. Assim, os autores defendem a necessidade de intervenções integradas que contemplem tanto o paciente quanto seus cuidadores no plano terapêutico, promovendo suporte psicológico conjunto e contínuo.

Outro fator relevante é o impacto financeiro que a doença pode trazer. O afastamento do paciente de suas atividades laborais, somado aos custos do tratamento, pode representar um desafio adicional para a família, afetando sua estabilidade econômica e gerando preocupações adicionais. A combinação de desafios emocionais, financeiros e estruturais reforça a necessidade de suporte social e psicológico, que possa auxiliar as famílias a lidarem com essas transformações de maneira mais equilibrada e saudável. (Santana et al., 2017).

## *Eixo 2 - Estratégias de resistências e enfrentamento das dificuldades*

Dos 12 artigos selecionados, 7 discutem as estratégias de enfrentamento das dificuldades. Compuseram a análise deste tópico, os seguintes materiais: (1) “Impacto Psicológico do Diagnóstico de Câncer na Família: Um Estudo de Caso a Partir da Percepção do Cuidador” de Farinhas, Wendling e Dellazzana-Zanon (2013); (02) “Experiência De Famílias Frente Ao Adoecimento Por Câncer Em Cuidados Paliativos” de Oliveski et al. (2021); (03) “Apoio Social À Família Do Paciente Com Câncer: Identificando Caminhos E Direções” de Sanchez et al. (2010); (04) “Relação Entre A Saúde Mental De Pacientes Com Câncer Avançado Em Quimioterapia Paliativa E Seus

Familiares Cuidadores” de Ladeira e Grincenkov (2020); (05) “O Cuidado Emocional De Familiares E Cuidadores De Pessoas Com Câncer No Hospital” de Almeida et al. (2023); (06) “Acompanhamento Psicológico Ao Cuidador Familiar De Paciente Oncológico” de Monteiro e Lang (2017); (07) “Como Posso Ajudar? Sentimentos E Experiências Do Familiar Cuidador De Pacientes Oncológicos” de Figueiredo et al. (2017).

As estratégias de enfrentamento podem ser compreendidas como os recursos cognitivos, emocionais e comportamentais mobilizados pelos indivíduos e suas famílias para lidar com as adversidades impostas pelo diagnóstico e tratamento do câncer. Estas estratégias variam significativamente, podendo assumir formas mais informativas — como a busca por informações, participação em grupos de apoio e suporte psicológico — ou outras formas, que aumentam o estresse e o sofrimento emocional (Almeida et al., 2023; Sanchez et al., 2010; Oliveski et al., 2021).

A eficácia dessas estratégias está diretamente relacionada à qualidade da rede de apoio disponível, ao acesso a serviços especializados, que auxiliam na redução da sobrecarga emocional e na promoção da resiliência familiar e a questões socioeconômicas e culturais (Farinhas; Wendling; Dellazzana-Zanon, 2013; Monteiro; Lang, 2017). Como destacado por Ladeira e Grincenkov (2020), as formas de enfrentamento podem contribuir para o aumento da ansiedade e depressão tanto dos pacientes, quanto de seus cuidadores, impactando na qualidade de vida de todos os envolvidos. Ademais, a espiritualidade surge como um recurso importante para algumas famílias, conferindo sentido à experiência da doença, embora, por si só, possa não ser suficiente para sustentar o enfrentamento (Figueiredo et al., 2017). Assim, o fortalecimento das estratégias de enfrentamento, articulado a programas de apoio psicossocial e políticas públicas inclusivas, configura-se como um componente essencial no cuidado integral ao paciente oncológico e sua família (Sanchez et al., 2010).

A forma como as famílias lidam com o câncer varia de acordo com fatores individuais e contextuais, como o nível de informação sobre a doença, a presença de suporte social e as crenças pessoais dos familiares. Algumas famílias adotam estratégias mais adaptativas, buscando informações sobre o tratamento e participando de grupos de apoio, enquanto outras enfrentam dificuldades para processar emocionalmente o impacto do diagnóstico, resultando em altos níveis de estresse e sofrimento psicológico (Almeida et al., 2023).

Um dos aspectos mais desafiadores do enfrentamento do câncer é o impacto emocional nos cuidadores. Estudos indicam que os cuidadores frequentemente enfrentam

sintomas de ansiedade, depressão e exaustão emocional, decorrentes do acúmulo de responsabilidades e da incerteza em relação ao futuro do paciente. A sobrecarga emocional dos cuidadores pode comprometer a qualidade do suporte prestado ao paciente, evidenciando a necessidade de estratégias de apoio direcionadas a esse grupo (Farinhas; Wendling; Dellazzana-Zanon, 2013).

Nesse cenário, Ladeira e Grincenkov (2020) destacam que tanto os pacientes quanto seus cuidadores apresentam níveis semelhantes de ansiedade e depressão, e que a sobrecarga do cuidador está diretamente relacionada à diminuição da qualidade de vida. “A sobrecarga do cuidador relacionou-se inversamente à QV e diretamente à Ansiedade e Depressão dos cuidadores” (p. 3), evidenciando a necessidade de intervenções que contemplem ambos no plano terapêutico.

A busca por apoio social e psicológico pode ser um fator determinante na forma como a família enfrenta o câncer. O suporte social, seja ele formal (grupos de terapia, acompanhamento psicológico) ou informal (rede de amigos e familiares), é essencial para minimizar o sofrimento emocional e auxiliar os familiares a desenvolverem estratégias mais eficazes para lidar com os desafios impostos pela doença. No entanto, em muitos casos, a família não tem acesso a esses recursos, o que pode dificultar o enfrentamento e aumentar os níveis de estresse e isolamento social (Sanchez et al., 2010).

Outro aspecto relevante é a influência da espiritualidade e da religiosidade no enfrentamento do câncer. Figueiredo et al. (2017) apontam que famílias que possuem uma forte base religiosa tendem a encontrar maior significado no processo da doença, utilizando a fé como um mecanismo de enfrentamento. No entanto, a espiritualidade isoladamente pode não ser suficiente para minimizar o impacto emocional do câncer, sendo necessária a combinação de diferentes estratégias de suporte para promover um enfrentamento mais saudável e equilibrado.

As estratégias de enfrentamento e resiliência desempenham um papel central na adaptação das famílias ao diagnóstico de câncer. A resiliência familiar pode ser compreendida como a capacidade de reorganizar a relação doméstica, fortalecer os vínculos afetivos e lidar com as adversidades impostas pela doença (Almeida et al., 2023). Segundo os autores, famílias que adotam estratégias de enfrentamento adaptativas tendem a apresentar melhor resposta emocional e funcional diante do câncer, reduzindo os níveis de estresse e promovendo um ambiente mais equilibrado para o paciente.

Contudo, além dos aspectos emocionais e relacionais já discutidos, é essencial considerar que o processo de adoecimento também expõe e aprofunda desigualdades

sociais, econômicas e culturais. Diante disso, propõe-se, a seguir, uma ampliação da discussão com base nesses eixos temáticos.

Dentre as estratégias mais eficazes, destacam-se a participação em grupos de apoio, a busca por informações sobre o tratamento e o envolvimento em terapia individual ou familiar. O acompanhamento psicológico, em particular, tem sido apontado como um fator essencial para o fortalecimento da resiliência familiar, auxiliando os familiares a desenvolverem habilidades de enfrentamento e a ressignificarem suas experiências diante da doença. Além disso, a terapia proporciona um espaço seguro para que os familiares possam expressar seus sentimentos, reduzir sua ansiedade e aprender a lidar com a sobrecarga emocional de maneira mais equilibrada (Oliveski et al., 2021).

Outro fator determinante para a resiliência familiar é a presença de uma rede de apoio estruturada. Sanchez et al. (2010) sugerem que o suporte social pode atuar como um amortecedor do impacto emocional do câncer, oferecendo aos familiares um espaço para compartilhar experiências e buscar auxílio emocional. No entanto, a qualidade desse suporte é um fator crítico. Enquanto algumas famílias encontram suporte eficaz em suas redes sociais, outras podem enfrentar dificuldades para acessar esse tipo de apoio, especialmente quando há barreiras financeiras ou estruturais que limitam o acesso a serviços psicológicos e sociais.

Monteiro e Lang (2017) complementam esse entendimento ao afirmarem que o sofrimento do cuidador é, muitas vezes, negligenciado nas práticas assistenciais. Segundo as autoras, “é indispensável que o cuidador familiar disponha de atendimento psicológico” (p. 483), pois apenas dessa forma é possível sustentar emocionalmente quem está no papel de apoio, garantindo também a qualidade do cuidado prestado ao paciente.

A adaptação ao câncer também pode ser favorecida por estratégias que promovam a reorganização da rotina familiar de maneira equilibrada. Segundo Almeida et al. (2023), quando os familiares conseguem redistribuir suas responsabilidades de forma justa, minimizando a sobrecarga de um único membro, há uma maior probabilidade de enfrentamento saudável da doença. Além disso, a adoção de práticas de autocuidado por parte dos cuidadores, como a realização de atividades físicas, momentos de lazer e participação em atividades prazerosas, pode auxiliar na redução do estresse e no fortalecimento da saúde mental dos envolvidos.

O fortalecimento das estratégias de enfrentamento e resiliência deve ser uma prioridade na assistência às famílias de pacientes oncológicos. Sanchez et al. (2010) afirma que a implementação de programas de apoio psicológico e social pode contribuir

significativamente para a melhoria da qualidade de vida dos familiares e para a criação de um ambiente mais favorável ao tratamento do paciente. Portanto, é essencial que políticas públicas e iniciativas institucionais priorizem a inclusão de suporte psicossocial no tratamento do câncer, garantindo que tanto os pacientes quanto seus familiares tenham acesso a recursos que os auxiliem a lidar com os desafios impostos pela doença de maneira mais equilibrada e sustentável.

## **DISCUSSÃO DOS RESULTADOS: O IMPACTO SOCIOECONÔMICO E CULTURAL DO DIAGNÓSTICO DO CÂNCER NA DINÂMICA FAMILIAR**

Os resultados desta revisão indicam que a terapia e o acompanhamento psicológico desempenham um papel essencial na adaptação da família ao diagnóstico de câncer, promovendo estratégias eficazes para lidar com as mudanças e desafios decorrentes da doença. Embora o suporte social informal tenha seu valor, ele não é suficiente para suprir todas as necessidades emocionais e psicológicas da família diante do impacto do câncer. O espaço terapêutico possibilita que os familiares processem seus sentimentos, desenvolvam estratégias de enfrentamento mais eficazes e adquiram uma visão mais equilibrada da nova realidade imposta pela doença. (Bucher-Maluschke et al., 2014; Farinhas; Wendling; Dellazzana-Zanon, 2013; Oliveski et al., 2021).

Embora o suporte social informal, fornecido por amigos e familiares, seja um recurso importante no enfrentamento do câncer, ele pode ser insuficiente para atender plenamente às necessidades emocionais dos envolvidos. Oliveski et al. (2021) ressaltam que, sem um acompanhamento psicossocial estruturado, os familiares podem experimentar sentimentos de solidão, exaustão e insegurança, comprometendo sua capacidade de adaptação à nova realidade imposta pelo câncer. Em complementariedade, Sanchez et al. (2010) argumentam que, em determinados contextos, redes de apoio informais podem ser tão eficazes quanto intervenções formais, desde que haja uma relação familiar robusta que favoreça a troca de suporte emocional entre seus membros. Apesar dessas diferenças, há um consenso de que a presença de um suporte psicológico profissional representa um diferencial significativo na melhora do bem-estar dos familiares.

É evidente que há uma série de benefícios associados à implementação de suporte psicossocial para famílias de pacientes oncológicos e que o diagnóstico de câncer não afeta apenas o paciente, mas também seus familiares, que passam por uma reorganização

estrutural e emocional significativa. Quando a família tem acesso a apoio psicológico e redes de suporte adequadas, há uma maior capacidade de adaptação e enfrentamento da doença. Dentre os principais benefícios encontrados, destacam-se a melhora na comunicação familiar, a redução do estresse e da sobrecarga emocional dos cuidadores, o fortalecimento da resiliência e o impacto positivo da terapia e das intervenções psicossociais na qualidade de vida dos envolvidos.

Um dos principais benefícios observados no estudo está relacionado à melhoria na comunicação entre os membros da família. O diagnóstico de câncer frequentemente leva a mudanças na forma como os familiares interagem entre si, podendo gerar silenciamentos e dificuldades na expressão emocional. No entanto, os estudos indicam que, quando a família recebe acompanhamento psicológico e participa de intervenções estruturadas, há um fortalecimento da comunicação e da empatia entre os membros (Bucher-Maluschke et al., 2014).

A terapia familiar, por exemplo, permite que os familiares expressem seus sentimentos e expectativas em um ambiente seguro, reduzindo conflitos e promovendo um senso de coesão e suporte mútuo. Esse benefício é crucial para o enfrentamento do câncer, pois famílias que estabelecem um diálogo aberto e acolhedor tendem a apresentar uma adaptação mais saudável à doença e maior apoio emocional ao paciente.

Outro benefício significativo identificado é a redução do estresse e da sobrecarga emocional dos cuidadores. A literatura revisada aponta que os cuidadores, especialmente aqueles que assumem a responsabilidade principal pelos cuidados ao paciente oncológico, frequentemente apresentam sintomas de exaustão, ansiedade e depressão devido à intensa carga emocional e física da função (Farinhas; Wendling; Dellazzana-Zanon, 2013).

Quando os cuidadores recebem suporte psicológico e participam de grupos de apoio, há uma diminuição dos níveis de estresse, promovendo um equilíbrio maior entre suas necessidades pessoais e as demandas do cuidado. Estratégias como a divisão equilibrada das responsabilidades dentro da família, a busca por momentos de descanso e a realização de atividades prazerosas contribuem para a preservação da saúde mental dos cuidadores, garantindo que possam continuar prestando assistência ao paciente sem comprometer seu próprio bem-estar (Farinhas; Wendling; Dellazzana-Zanon, 2013).

A promoção da resiliência familiar é outro benefício essencial identificado nos estudos revisados. A resiliência refere-se à capacidade da família de se adaptar às adversidades, reorganizando-se de maneira saudável para enfrentar os desafios impostos pelo câncer. Os resultados indicam que famílias que recebem suporte adequado

desenvolvem uma maior capacidade de lidar com as incertezas do tratamento, encontrando novas formas de enfrentar as dificuldades e manter um ambiente de apoio para o paciente (Oliveski et al., 2021). Além disso, estratégias direcionadas a espiritualidade, a busca por informação e a participação em redes de suporte auxiliam na construção de um senso de propósito e força diante da doença, reduzindo o impacto negativo do câncer sobre a dinâmica familiar.

Outro benefício, é o impacto positivo das intervenções psicossociais na qualidade de vida da família e do paciente. O acompanhamento psicológico contínuo, a terapia familiar e a psicoeducação sobre a doença ajudam a reduzir os níveis de ansiedade e angústia dos familiares, possibilitando um enfrentamento mais equilibrado da doença. Além disso, a presença de redes de apoio formais e informais contribui para a manutenção do bem-estar emocional, garantindo que os familiares tenham onde recorrer em momentos de dificuldade. Sanchez et al. (2010) destacam que o suporte social, quando bem estruturado, pode oferecer um amortecimento significativo contra o sofrimento psicológico, auxiliando a família a lidar com os desafios do câncer de maneira mais eficaz.

É notório também, o impacto das políticas públicas e programas institucionais voltados para o suporte às famílias de pacientes oncológicos. Em contextos em que há acesso a serviços psicológicos e redes de apoio, a adaptação ao diagnóstico tende a ser mais equilibrada, com menores níveis de estresse e um melhor suporte ao paciente. No entanto, a pesquisa também aponta que muitas famílias não têm acesso a esses serviços, evidenciando a necessidade de ampliar a oferta de programas de suporte psicossocial no contexto oncológico. Dessa forma, a inclusão de serviços psicológicos no atendimento oncológico não apenas beneficia o paciente, mas também melhora significativamente a qualidade de vida dos familiares e cuidadores.

Portanto, fica evidente que o suporte psicossocial desempenha um papel crucial na adaptação das famílias ao diagnóstico de câncer, promovendo benefícios que vão desde a melhora na comunicação até a redução do sofrimento emocional. Estratégias como acompanhamento psicológico, fortalecimento das redes de apoio e desenvolvimento de resiliência familiar são fundamentais para garantir que os familiares consigam enfrentar os desafios da doença de maneira mais equilibrada e saudável. Assim, torna-se imprescindível que tanto os serviços de saúde quanto as políticas públicas considerem a importância dessas intervenções, garantindo que pacientes e seus familiares tenham

acesso ao suporte necessário para lidar com os impactos emocionais e estruturais do câncer de forma mais eficaz.

O diagnóstico de câncer gera um impacto significativo na relação e no funcionamento das famílias, provocando uma reorganização dos papéis, mudanças na comunicação e um alto nível de estresse emocional. As análises dos estudos revisados demonstram que os familiares de pacientes oncológicos passam por um processo de adaptação complexo, que envolve tanto dificuldades quanto a busca por estratégias de enfrentamento para lidar com a nova realidade imposta pela doença. A necessidade de reorganização familiar e a sobrecarga emocional dos cuidadores são questões recorrentes na literatura, apontando para a importância de suporte social e psicológico adequados para minimizar os impactos negativos do câncer sobre a dinâmica familiar.

Além disso, a forma como as famílias enfrentam a doença pode influenciar significativamente a qualidade de vida dos envolvidos. Estratégias de enfrentamento adaptativas, como o fortalecimento das redes de apoio e o acesso a acompanhamento psicológico, estão associadas a uma melhor resposta emocional e funcional diante do diagnóstico. Por outro lado, o isolamento social, a falta de comunicação entre os membros da família e a ausência de suporte adequado podem agravar os níveis de estresse e prejudicar o equilíbrio emocional dos familiares.

O diagnóstico de câncer provoca uma transformação significativa na dinâmica familiar, afetando as relações interpessoais, a comunicação entre os membros e o bem-estar emocional dos envolvidos. A necessidade de reorganização dos papéis familiares é uma consequência inevitável desse processo, exigindo dos familiares uma adaptação emocional e funcional para lidar com as novas demandas impostas pela doença. Essa adaptação pode ser mais equilibrada e menos desgastante quando há acesso a intervenções psicossociais estruturadas, como acompanhamento psicológico e suporte terapêutico, que auxiliam tanto os pacientes quanto seus familiares a enfrentarem os desafios decorrentes da doença (Sanchez et al., 2010).

Além disso, percebe-se, a partir da análise dos materiais bibliográficos selecionados, que as intervenções psicossociais e o suporte psicológico familiar desempenham um papel crucial na reorganização da dinâmica familiar após o diagnóstico de câncer, contribuindo para uma adaptação mais eficaz e reduzindo os impactos emocionais negativos. Estratégias de enfrentamento, apoio profissional e redes de suporte social têm sido amplamente estudadas como formas de minimizar o sofrimento dos familiares e promover maior resiliência diante da doença.

O suporte social e psicológico desempenha um papel crucial na mitigação dos impactos emocionais e sociais do câncer. Bucher-Maluschke et al. (2014) indicam que famílias que têm acesso a redes de apoio formal, como grupos terapêuticos e programas de assistência psicológica, apresentam maior capacidade de reorganizar suas funções internas e lidar com o estresse gerado pelo diagnóstico. Da mesma forma, Farinhas, Wendling e Dellazzana-Zanon (2013) evidenciam que a ausência desse suporte pode levar ao esgotamento emocional dos cuidadores, comprometendo a qualidade do cuidado prestado ao paciente e afetando negativamente toda a relação familiar. A sobrecarga emocional resultante da redistribuição de responsabilidades, aliada à incerteza sobre o futuro do paciente, pode contribuir para altos níveis de estresse e ansiedade entre os familiares.

O diagnóstico de câncer não afeta apenas o indivíduo acometido, mas ressoa intensamente em sua rede familiar, expondo e aprofundando fragilidades econômicas, sociais e culturais pré-existentes. Em famílias já inseridas em contextos de vulnerabilidade socioeconômica, as dificuldades se agravam diante das exigências do cuidado contínuo e integral, especialmente em um sistema público de saúde frequentemente marcado por insuficiências estruturais e desigualdade no acesso (Ferreira et al., 2010). O próprio percurso de descoberta da doença já impõe despesas imprevistas com transporte, alimentação, medicamentos e deslocamentos para centros especializados, que frequentemente estão concentrados em grandes cidades, gerando forte desestabilização financeira e emocional do núcleo familiar.

Essa sobrecarga torna-se ainda mais crítica quando o paciente era o principal provedor da família ou quando algum membro abandona suas atividades laborais para assumir o cuidado integral. Como observam Ferreira et al. (2010), apesar dos esforços dos familiares em constituir redes de apoio emocionais e funcionais, na maioria das vezes esse suporte ocorre sem qualquer respaldo institucional efetivo, resultando em exaustão física, sofrimento psicológico e comprometimento financeiro prolongado.

As questões social, cultural e histórica dos pacientes são comumente ignorados pela hegemonia do modelo biomédico tradicional, cuja centralidade nos aspectos biológicos do adoecimento. As práticas de cuidado baseadas exclusivamente na racionalidade clínica desconsideram a precarização da vida de famílias pobres, tornando invisível o sofrimento cotidiano desses sujeitos. Nesse sentido, torna-se relevante uma abordagem mais humanizada, interdisciplinar e atenta à escuta qualificada da experiência concreta dos familiares (Traverso-Yépez, 2001).

Essa compreensão amplia-se à luz da análise dos determinantes sociais do adoecimento, conforme aponta Spink (2010), destacando que o cuidado em saúde não pode se restringir aos aspectos médicos e técnicos, mas deve abarcar as dificuldades culturais, históricas e estruturais vividas pelas famílias. Assim, a desestruturação cotidiana provocada pelo câncer não se limita aos seus desdobramentos econômicos, mas adquire também contornos subjetivos e culturais, sendo atravessada por valores, crenças e representações sociais acerca da doença.

Foucault (1975), ao refletir sobre o adoecimento como um fenômeno histórico e discursivo, enfatiza que a doença não representa simplesmente uma falha biológica, mas uma reorganização profunda da existência do sujeito diante de um evento-limite: “a doença não se apresenta como um déficit cego, mas como uma reconfiguração da personalidade e da existência” (Foucault, 1975, p. 38). O câncer, ao romper com a normalidade da vida cotidiana, desorganiza o tempo, o espaço e os papéis familiares, exigindo a construção de novos arranjos simbólicos e práticos para lidar com a realidade imposta.

Para além disso, é indispensável compreender que o cuidado em saúde é atravessado por relações de poder e dispositivos de saber, que historicamente organizaram práticas de exclusão e silenciamento dos saberes populares. Foucault (1975) argumenta que os discursos médicos e científicos se tornaram hegemônicos ao instituírem critérios normativos sobre o que deve ser considerado legítimo no campo da saúde, marginalizando outras formas de conhecimento e práticas de cuidado historicamente construídas por outros saberes. Nesse contexto, o sofrimento das famílias não reside apenas na falta de acesso à assistência técnica de qualidade, mas também na desconsideração de suas práticas culturais e saberes locais, frequentemente tratados como inferiores ou irracionais.

Assim, práticas como rezas, benzimentos, uso de ervas, promessas e rituais religiosos não configuram negação do saber biomédico, mas representam uma racionalidade própria e legítima, construída a partir das experiências concretas de sofrimento e resistência dessas populações (Boltanski, 2007). Como sublinha Foucault (1975), o corpo adoecido não carrega apenas um diagnóstico técnico, mas é atravessado por representações e discursos sociais que produzem significados sobre a experiência de adoecimento.

Ao reconhecer esses saberes populares como constitutivos do processo de cuidado, rompe-se com uma visão colonizada e homogeneizante da saúde, abrindo espaço

para práticas mais integradas, culturalmente sensíveis e eticamente comprometidas com a complexidade do viver humano. Para Foucault (2008b), analisar o adoecimento como uma experiência situada historicamente permite visibilizar não apenas a dimensão clínica da doença, mas também as condições sociais que produzem a exclusão e a vulnerabilidade, exigindo práticas de cuidado que articulem saber científico e saber popular, promovendo efetivamente um cuidado integral e emancipatório.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O diagnóstico de câncer representa um marco de ruptura na vida familiar, exigindo uma reorganização emocional, funcional e, muitas vezes, financeira dos seus membros. A literatura analisada evidenciou que os impactos da doença extrapolam o paciente, atingindo diretamente seus familiares e cuidadores, que enfrentam desafios emocionais, sociais e estruturais no cotidiano do cuidado.

As intervenções psicossociais demonstraram ser fundamentais para mitigar os efeitos negativos do câncer sobre a dinâmica familiar. O suporte contínuo oferecido por profissionais da saúde, sobretudo da psicologia, contribui para a prevenção do esgotamento emocional, favorece a adaptação à nova realidade e melhora a qualidade de vida dos envolvidos. Estratégias como o acompanhamento psicológico, a participação em grupos de apoio e o fortalecimento das redes sociais se mostraram eficazes na promoção de resiliência, comunicação e coesão familiar.

Também ficou evidente que as condições socioeconômicas influenciam diretamente a forma como as famílias enfrentam o câncer. Famílias em situação de vulnerabilidade tendem a sofrer um impacto mais intenso, tanto pela limitação de acesso aos serviços de saúde quanto pelas restrições financeiras que dificultam o cuidado contínuo. A ausência de políticas públicas eficazes agrava esse cenário, tornando ainda mais urgente a ampliação do acesso a serviços psicológicos e de suporte social no contexto oncológico.

Além disso, este estudo apontou para a relevância dos saberes populares e das práticas culturais no enfrentamento da doença. A fé, os rituais religiosos e o uso de terapias tradicionais representam formas legítimas de cuidado que, quando respeitadas, contribuem para um processo de enfrentamento mais humanizado e significativo.

Entretanto, a pesquisa apresenta limitações importantes. A principal delas refere-se à ausência de pesquisa de campo, o que restringe os resultados a dados secundários obtidos por meio da revisão bibliográfica. Essa limitação impede o acesso direto às experiências subjetivas de familiares que vivenciam o processo de adoecimento oncológico. Outro ponto a ser destacado é a escassez de estudos focados especificamente na experiência de crianças enquanto pacientes oncológicos ou membros da família, o que evidencia a necessidade de investigações futuras voltadas para esse público.

Portanto, conclui-se que a integração entre cuidado médico e suporte psicossocial é indispensável para promover um enfrentamento mais saudável da doença. O fortalecimento das redes de apoio, o reconhecimento dos determinantes sociais do adoecimento e a valorização dos saberes culturais são estratégias que devem ser incorporadas às práticas de cuidado, permitindo que as famílias atravessem o processo do câncer com mais suporte, dignidade e humanidade.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, F. A. et al. O Cuidado Emocional De Familiares E Cuidadores De Pessoas Com Câncer No Hospital. **New Trends in Qualitative Research**, Oliveira de Azeméis, Portugal, v. 18, p. e926, 2023. DOI: 10.36367/ntqr.18.2023.e926. Disponível em: <https://publi.ludomedia.org/index.php/ntqr/article/view/92>.

BENEDETTI, G. M. DOS S.; WAKIUCHI, J.; COSTA, J. R. DA; PRADO, E.; SAMPAIO, J. N.; SALES, C. A. <b>Sobrecarga emocional dos familiares de pacientes com câncer: ambiguidade de sentimentos ao cuidar/The emotional burden of family members of cancer patients: ambiguity of feelings in the moment of care<b>&gt;. **Ciência, Cuidado e Saúde**, v. 14, n. 3, p. 1220 - 1228, 13 out. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/ciencuidsaude.v14i3.23590>. Acesso em: 19 nov. 2024.

BUCHER-MALUSCHKE, Júlia Sursis Nobre Ferro et al. Dinâmica familiar no contexto do paciente oncológico. **Rev. NUFEN**, Belém, v. 6, n. 1, p. 87-108, 2014. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2175-25912014000100005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912014000100005&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 15 nov. 2024.

CÔBO, Viviane de Almeida. **A família e o paciente oncológico: estrutura e funcionamento familiar no contexto de câncer na família**. 2019. Tese (Doutorado em Enfermagem Psiquiátrica) - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2019. doi:10.11606/T.22.2020.tde-23032020-144145. Acesso em: 2024-11-18.

DELEUZE, Gilles. **Espinosa, filosofia prática**. Ed. Escuta, São Paulo, 2002.

FARINHAS, Giseli Vieceli; WENDLING, Maria Isabel; DELLAZZANA-ZANON, Letícia Lovato. Impacto psicológico do diagnóstico de câncer na família: um estudo de caso a partir da percepção do cuidador. **Pensando fam.**, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 111-129, dez. 2013. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-494X2013000200009&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2013000200009&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 17 dez. 2024.

FIGUEIREDO, T., et al. Como posso ajudar? Sentimentos e experiências do familiar cuidador de pacientes oncológicos. **ABCS Health Sciences**, [S. l.], v. 42, n. 1, 2017. DOI: 10.7322/abcshs.v42i1.947. Disponível em: <https://www.portalnepas.org.br/abcshs/article/view/947>. Acesso em: 20 nov. 2024.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008a.

Foucault, M. *Nascimento da biopolítica: Curso dado no Collège de France (1978-1979)*. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

LADEIRA, Tatiane; GRINCENKOV, Fabiane. Relação entre a saúde mental de pacientes com câncer avançado em quimioterapia paliativa e seus familiares cuidadores. **Revista CES Psicologia**, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 1–17, 2020. DOI: 10.21615/cesp.13.2.1. Disponível em: <https://revistas.ces.edu.co/index.php/psicologia/article/view/4970>. Acesso em: 24 nov. 2024.

MONTEIRO, Suelen; SCHEIFLER LANG, Camila. Acompanhamento Psicológico ao Cuidador Familiar de Paciente Oncológico. **Psicologia Argumento**, [S. l.], v. 33, n. 83, 2017. DOI: 10.7213/psicol.argument.33.083.A004. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/psicologiaargumento/article/view/19821>. Acesso em: 18 nov. 2024.

OLIVEIRA, T. R.; SOUZA, J. R. Avaliação do impacto psicossocial do diagnóstico e tratamento do câncer na vida de familiares cuidadores de pacientes em regime de internação hospitalar. **Tempus – Actas de Saúde Coletiva**, [S. l.], v. 11, n. 1, p. Pág. 215–227, 2017. DOI: 10.18569/tempus.v11i1.2228. Disponível em: <https://www.tempus.unb.br/index.php/tempus/article/view/2228>. Acesso em: 21 nov. 2024.

OLIVESKI, C. C.; GIRARDON-PERLINI, N. M. O.; COGO, S. B.; CORDEIRO, F. R.; MARTINS, F. C.; PAZ, P. P. Experiência De Famílias Frente Ao Adoecimento Por Câncer Em Cuidados Paliativos. **Texto & Contexto - Enfermagem**, [online], v. 30, e20200669, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2020-0669>. Acesso em: 21 nov. 2024.

SANCHEZ, K. O. L.; FERREIRA, N. M. L. A.; DUPAS, G.; COSTA, D. B. Apoio social à família do paciente com câncer: identificando caminhos e direções. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 63, n. 2, p. 290-299, mar./abr. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-71672010000200019>. Acesso em: 21 nov. 2024.

SANTANA, I. T. S., et al. Aspectos biopsicossociais do adoecimento por câncer para familiares de pacientes hospitalizados/Biopsycosocial aspects of cancer for relatives of hospitalized patients<b>. **Ciência, Cuidado e Saúde**, v. 16, n. 1, 1 jun. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/ciencuidsaude.v16i1.30791>. Acesso em: 21 nov. 2024.

FERREIRA, Camila R. G.; OLIVEIRA, Márcia M. B.; LIMA, Hélio M. Carga emocional dos familiares cuidadores de pacientes com câncer. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 63, n. 5, p. 727–732, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/NsPdctz6WczZTxJqKSRrsJn/>. Acesso em: 21 nov. 2024.

FIORUZ – Fundação Oswaldo Cruz. Câncer no Brasil: dados e desafios. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2023. Disponível em: <https://www.fiocruz.br/>. Acesso em: 21 nov. 2024.

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER JOSÉ ALENCAR GOMES DA SILVA – INCA. Estimativa 2023: incidência de câncer no Brasil. Rio de Janeiro: INCA, 2023. Disponível em: <https://www.inca.gov.br/estimativa/>. Acesso em: 21 nov. 2024.

MARTINS, Terezinha de Oliveira; GOMES, Reinaldo André; SILVA, Rúbia dos Santos. Repercussões emocionais do diagnóstico de câncer em familiares cuidadores. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 45, n. 3, p. 519–525, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsp/a/P6wKwhZ9x7gM4LC3VPnshTc/>. Acesso em: 21 nov. 2024.